

**O CUIDADO DE SI COMO FORMA DE RESISTÊNCIA AO  
BIOPODER:**

**A BARBA COMO AGENTE DESESTABILIZADOR DO DISPOSITIVO MIDIÁTICO**

**THE CARE YOURSELF AS RESISTANCE FORM AGAINST  
BIOPOWER:**

**THE BEARD AS AGENT DESTABILIZING OF MEDIA DEVICE**

Anderson Nowogrodzki da Silva  
(Universidade Federal de Goiás)

**Resumo:** Este texto tem por esteira descrever, a partir da noção de dispositivo, práticas discursivas e não discursivas contemporâneas que, sendo difundidas pela mídia, trazem em si regras fundadas na higienização e na medicalização do corpo, instituídas por uma sociedade de controle (biopoder). Isso tende a gerar uma rede de regularidades que fazem ascender a um patamar de normalidade o ato de “fazer a barba”, relacionando-o a questões estéticas, de saúde e afetividade. Descrevem-se, também, enunciados e práticas relacionados a uma parcela mínima do povo que, por outro lado, retoma o uso da barba como forma de resistência, contrapondo-se ao que é chamado de “normal” na contemporaneidade, desestabilizando os olhares tranquilos num jogo dialético de poder. Busca-se, então, a partir de uma perspectiva foucaultiana, olhar para a história em sua descontinuidade e para as redes de relações e observar que, no dispositivo midiático, instauram-se poderes, regulados pela atualidade do saber e materializados como enunciados, que dão forma aos sujeitos. Dessa maneira, faz-se uso das fases arqueológica e genealógica de Foucault, dando foco à questão do cuidado de si como forma de resistência na sociedade de controle.

**Palavras-Chave:** Barba. Corpo. Biopoder. Resistência. Foucault.

**Abstract:** This paper aims to describe, from the notion of device, practices and contemporary statements that were found and diffused by the media, bring rules founded on hygiene and medicalization of the body, instituted by a control society (biopower). This tends to generate a network regularities that make ascend to a normal level the act of "shaving", relating it to aesthetic issues, health and affectivity. Describes, too, statements and practices related to a small portion of the people, on the other hand, takes the use of beard as a form of resistance, in opposition to what is called "normal" in contemporary society, destabilizing the quiet glances in a dialectical power play. One aim, then, from a Foucaultian perspective, look at the history in its discontinuity and networks of relations and noted that the media device, are established powers, regulated by current knowledge and materialized as statements which they form the subject. Thus, use is made of archaeological phases and family to Foucault, giving focus to the issue of self-care as a form of resistance to control society.

**Keywords:** Beard. Body. Biopower. Resistance. Foucault.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tomando por base as concepções foucaultianas sobre o dispositivo teórico-metodológico, propõe-se, neste artigo, estudar e descrever práticas discursivas e não-discursivas relacionadas ao modo como a barba emerge, no século XXI, em um movimento de retomada, como um agente desestabilizador da sociedade de controle. Pautando-se em Foucault (2000), visualiza-se esse objeto a partir de um saber perspectivo, fala-se de um lugar e um tempo determinados. Para tanto, olha-se para o dispositivo midiático e para os enunciados que nele circulam, observando regularidades e resistências, trazendo à luz um jogo de poder fundamentado nos saberes correntes na contemporaneidade. Entende-se “poder”, aqui, segundo Foucault (2008), como o conjunto das práticas discursivas, dos mecanismos e dos procedimentos que atuam em função da manutenção do próprio poder.

Quando se pensa em uma sociedade, pensa-se, conseqüentemente, nas relações interpessoais que a fundamentam. Faz-se necessário, assim, olhar para o sujeito sócio-historicamente situado, atravessado pela diversidade dos enunciados, dos discursos, e inserido em uma trama movida pelas relações de poder, sendo, dessa forma, constituído pela pluralidade dos saberes que o envolvem. É preciso observar a sociedade que se constitui na atualidade e perceber que sua base está fundamentada na disciplinarização dos corpos, respaldando-se na emergência dos diferentes olhares (ciência, religião, mídia, política), e constatar que a ética de si mesmo, em relação à estética, possibilita a resistência.

Descreve-se, aqui, a forma como o corpo também enuncia. Por meio do cultivo da barba, o homem resiste à medicalização e à higienização regulares em dado momento (contemporaneidade) e toma decisões sobre seu próprio corpo, foge ao que é passível de sentido, segundo as regras que se inscrevem em seu próprio tempo. Focalizam-se, então, os enunciados correntes no dispositivo midiático que corroboram para a construção de um ambiente em que disputam: o biopoder, na regulamentação dos corpos; e a resistência, no cuidado de si, na transformação do sujeito em razão de si mesmo.

O dispositivo, citado acima, caracteriza-se, de acordo com Sargentini (no prelo), como um conjunto heterogêneo que se organiza em uma rede de rupturas, discontinuidades, dispersões, regularidades, por meio de elementos discursivos e não-discursivos, podendo superpor outros dispositivos, tornando-os essencialmente móveis, continuamente mutáveis nas conexões entre elementos, produzindo diferentes efeitos. Deleuze (2005b) considera os

dispositivos como conjuntos multilíneares, caóticos, rizomáticos, entrópicos, em que os elementos que os compõem funcionam como vetores. Trata-se, o pesquisador, então, como um cartógrafo, que recorta determinadas relações de um dispositivo e as traz à luz. O dispositivo possui uma tridimensionalidade, alicerçada nas formas de ver, nas possibilidades de dizer e nas relações de poder. Vê-se, assim, uma função estratégica, que é refletida na transformação do discurso. Em relação ao dispositivo midiático, observa-se a regulamentação dos corpos a partir de práticas de objetivação. Ou seja, aprecia-se, neste texto, a maneira como uma costura entre elementos heterogêneos, de forma estratégica, busca determinar o modo como o homem deve manter seu rosto e evidencia-se a possibilidade de contraposição pela transformação do próprio corpo.

Além disso, objetiva-se descrever as alterações de efeitos de sentidos do discurso sobre a barba em detrimento de sua situação em diferentes condições de existência. Demonstra-se, dessa forma, como as relações entre poder e saber atuam em consonância com a história e constituem novos dispositivos. De acordo com Sousa (no prelo), para entender o dispositivo é essencial que se olhe para a rede que o compõem, recortada a partir do objeto de pesquisa, pois é do recorte que emerge o caminho do estudo.

A partir do instante em que se adequa o estudo realizado a um método histórico que descende de Foucault e de seus comentaristas, retoma-se Nietzsche (2006), no âmbito de uma perspectiva crítica que visa, a partir da *Filosofia do Martelo*<sup>1</sup>, fazer estremecer o que é passível de sentido, refletir sobre o que é chamado de universal, questionar. Dessa forma, de acordo com Prado Filho (2006), utiliza-se a arqueologia foucaultiana como aporte para entender os regimes de produção dos discursos, as diversas formas de ver em dado momento histórico (diferentes verdades), as possibilidades de dizer, resultando nas práticas discursivas que se esgueiram na trama social, ou seja, a arqueologia se centra nas relações de saber. O trabalho arqueológico, segundo Foucault (2003), não é criar uma análise que universalize, que totalize, é, antes de tudo, olhar para o discurso e suas relações, para os regimes de verdade e os efeitos de realidade produzidos. Por outro lado, ainda de acordo com Prado Filho (2006), os estudos genealógicos de Foucault têm como centro as relações microfísicas de poder. É preciso lembrar, aqui, da convergência entre os pensamentos de Nietzsche (2001) e Foucault (1995), em relação ao conceito de *Eterno Retorno (Ewige Wiederkunft)*, no sentido de olhar

---

<sup>1</sup> Nietzsche usa a metáfora do martelo para demonstrar a necessidade de abrir os horizontes para novas perspectivas, questionar o mundo que rodeia o homem, deixar de erigir ídolos e fazer balançar o preconceito, a inflexibilidade, o dogmatismo cego.

para a história se pautando na noção de descontinuidade e na estrutura cosmogônica nietzschiana de que não há *gene* ou *telos* na existência, ou seja, não há início ou fim, apenas um jogo de relações que produz o *devir*<sup>2</sup> contínuo. A genealogia, para Foucault (2000), estrutura-se na descoberta de marcas que não se evidenciam na história clássica, de singularidades, de regularidades e rupturas, que dão forma a uma colcha de retalhos heterogênea, com diferentes formas e cores inscritas em dada dispersão. Dessa maneira, Foucault (1995) faz aparecer o conceito de *Nova História*, pautado no olhar para os acontecimentos sociais mínimos que foram apagados pelas formalidades da ciência histórica arcaica:

Trata-se, portanto, em suas análises, de fazer foco sobre as relações de saber-poder, no sentido de compreender que efeitos de subjetividade são produzidos em uma sociedade, num certo tempo, ou, melhor dizendo, que formas de vida coletiva, que modos de ser estão sendo historicamente produzidos numa certa sociedade, que formas de sujeição e assujeitamento estão em jogo nessa cultura. (PRADO FILHO. 2006, p. 30).

Pensa-se, assim, num sistema que não é fixo, mas plural, rizomático, mutável, em que saber e poder se entrelaçam na formação de dispositivos, criando regularidades e possibilitando resistências, obtendo, como efeito, a subjetivação constante do sujeito em uma trama de descontinuidades:

Sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas da razão, sob a evolução tenaz de uma ciência obstinando-se para existir e se aperfeiçoar desde o seu começo, procura-se atualmente detectar a incidência das interrupções. (FOUCAULT. 2000, p. 84).

## **TRANSFORMAÇÃO DOS REGIMES DE VISIBILIDADE: A BARBA E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES NA HISTÓRIA**

Segundo Burke (1992), “deve-se ler o passado para compreender o presente”. Com base nesse dizer, traz-se o conceito de *Nova História* para esta descrição. Para entendê-lo, é preciso que se caminhe pelas vias da renovação historiográfica, com base em Foucault (1995).

---

<sup>2</sup> Dinâmica, transformação contínua.

A produção dos sentidos decorre dos fenômenos históricos. É ao olhar para essa afirmação que se encontra um norte no estudo, percorrendo, daqui, as ideias que constituem a Nova História. Segundo Foucault (1995), essa nova maneira de ver as relações se pauta na preocupação com as minúcias que permeiam os acontecimentos passados, na busca por perscrutar os eventos microscópicos apagados pela história arcaica e evidenciar como a pluralidade e heterogeneidade de determinadas condições de existência permitem que os discursos sejam retomados a todo tempo e, concomitantemente, renovados.

A História Clássica se erige sobre a estruturação de eventos lineares e contínuos, que seguem um caminho de encadeamentos “perfeitos” e que buscam abranger o mundo e seus acontecimentos. Sendo assim, não se tratam, aqui, os documentos (dizeres históricos) como elos de uma corrente unitária, mas, a partir da Nova História, passa-se a tratá-los como resultados de uma exterioridade sócio-historicamente localizada, baseada na descontinuidade. Não se faz necessário, neste artigo, falar da história dos grandes homens, ou sobre períodos de tempo antes recortados e estabelecidos como uma fatia de um contínuo, a não ser para entender a historicidade dos fatos. Há uma preocupação molecular com o acontecimento, fazer surgir uma singularidade, como diz Sargentini (no prelo). Não há cristal que não possa ser abalado pela dúvida. Não é questão de dizer que a história está errada, mas, sem dúvida, está incompleta. Fazer aparecer as diferentes relações entre enunciados permite uma nova visão sobre a própria vida e o mundo que nos rodeia, uma flexibilidade dinâmica. Passa-se, então, a observar as relações de poder em meio a esse novo modo de olhar para a história, de forma descentralizada, microfísica:

Sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas de um espírito ou de uma mentalidade coletiva, sob o dever obstinado de uma ciência que luta apaixonadamente por existir e por se aperfeiçoar desde seu começo, sob a persistência de um gênero, de uma forma, de uma disciplina, de uma atividade teórica, procura-se agora detectar a incidência das interrupções, cuja posição e natureza são, aliás, bastante diversas. (FOUCAULT, 2008, p. 5).

De acordo com Foucault (1995), a Nova História possui algumas demandas, quais sejam: a imersão nas minúcias, rejeitando a superficialidade linear e estável, agregar ao estudo a busca pela descontinuidade, embasando-se na possibilidade da sistematização da análise das escansões, pautada na autonomia do pesquisador, levando em consideração todos os limiares e oscilações pelos quais o período se estruturou, suas regularidades, irregularidades e seus

efeitos. Por último, evidenciar a não necessidade de uma história global e linear, dando vazão a uma ramificação contínua.

Pensando nesses conceitos, buscou-se uma pluralidade de ditos, enunciados que fazem referência ao lugar que a barba ocupou em diferentes momentos históricos como um agente do poder.

Refere-se à barba como agente, pois, ao olhar para as condições de existência de determinadas práticas, percebe-se os diferentes papéis, funções sociais, que elas possibilitam existir, estando pautadas na atualidade do saber. A estética do sujeito provoca diferentes movimentações nas relações de poder, em razão, nesse caso, da estruturação dos pelos faciais frente à complexidade dos entrecruzamentos de enunciados sócio-historicamente localizados. Ou seja, a barba exerce determinadas ações, provoca determinados efeitos, possui uma atividade e mobilidade regulamentadas pelos regimes de produção discursiva, tornando-a um agente ativo.

Num percurso histórico breve, percebe-se que trinta mil anos atrás, o homem do período paleolítico descobria a possibilidade de se barbear, ou não, utilizando pedras. Desde o Egito antigo, a barba ocupava um lugar como agente na sociedade, definia o sistema de classes sociais, em que, os sujeitos que preenchiam os mais altos cargos, possuíam as mais longas barbas, como sinal de suas posses e nobreza. Apesar disso, a barba em seu estado de crescimento natural era vista como algo impuro e que deveria ser evitado (os sacerdotes depilavam todo o corpo em razão de se afastar ao máximo do estado animalesco e aproximar-se do sagrado), corroborando para a formulação de instrumentos que pudessem ser funcionais no escanhoamento, como afirma Peterkin (2002).

Entre os romanos, a barba era cultivada até a puberdade, sendo raspada junto a todos os demais pelos do corpo no momento de passagem da infância para a juventude, oferecendo-os, posteriormente, aos deuses. Os políticos mantinham a barba, assim como os egípcios, para demonstrar poder. Os primeiros cremes de barbear (feitos a partir do óleo de oliva) e barbearias aparecem em meio aos romanos, as práticas de higienização da barba parecem emergir aqui e são constantemente retomados em outras emergências históricas<sup>3</sup>. De acordo com Peterkin (2002), motivadas por uma provável vontade de poder, as mulheres romanas passavam unguento no rosto em razão de instigar os pelos faciais a crescerem, porém, foram

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-da-barba.htm>>. Acesso em: 28 de julho de 2015.

vetadas pelo senado, o que demonstra a existência de uma biopolítica que precede a contemporaneidade em muito.

Diferente de Roma, a Grécia ficou famosa por seus filósofos barbados. Os homens, em geral, usavam barba de maneira regular. Como exceção, os aristocratas raspavam o rosto em razão de demonstrar o lugar social que ocupavam. Uma vez mais, vê-se a influência das relações de poder sobre o corpo.

Os vikings, por outro lado, tinham em sua barba um símbolo de força, bravura e poder, relativo à sua ferocidade em batalha. Era, também, um artifício funcional nos territórios que habitavam, no norte da Europa, regiões frias próximas ao Polo Norte. A barba era também um sinal de honra, a derrota em batalha era sinal de fraqueza e demandava que os homens se barbeassem. Fez-se visível como os pelos faciais simbolizavam o poder e sua proporção, mesmo em uma sociedade móvel e instável como a dos “bárbaros”<sup>4</sup>.

Durante o decorrer da Idade Média, no momento conhecido como Cisma<sup>5</sup>, diferentes povos se relacionaram na medida em que se diferenciavam uns dos outros por meio dos próprios corpos. Apesar de as escrituras bíblicas, no velho testamento, tratarem o cultivo da barba como algo sagrado (‘Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba.’ – LV. 19: 27), os católicos raspavam os rostos em função de não serem confundidos com os ortodoxos, muçulmanos ou judeus, além de não almejarem se parecer com os povos nórdicos, os germânicos, que invadiram e pilharam nações cristãs de forma recorrente<sup>6</sup>. Peterkin (2002) afirma que a história do bigode é também controversa nesse período. Gregos e Romanos não usavam bigode, ao contrário dos povos nórdicos, vistos como bárbaros, o que pode ter gerado o estereótipo do demônio com pelos sobre os lábios em diversas pinturas da época.

Observam-se as relações de poder que rodeiam o uso da barba ao olhar para as minúcias apagadas da história arcaica. A Guerra da Barba, como foi chamada, foi desencadeada por uma mulher, em meados do século XII, quando decidiu deixar seu marido,

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://barbadesauron.blogspot.com.br/2012/01/barbas-na-historia.html>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

<sup>5</sup> Divisão entre Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa.

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://tiposdebarba.com.br/uma-breve-historia-da-barba-saiba-tudo-sobre-este-fenomeno/>>. Acesso em: 26 de julho de 2015.

rei da França, e casar-se com o rei da Inglaterra em razão de o primeiro ter raspado a barba após voltar das cruzadas.<sup>7</sup>

Entre o fim do século XIX e início do século XX, potencializou-se o biopoder por meio da revolução tecnológica (tecnocracia), momento em que King C. Gillette criou a primeira lâmina de barbear segura e descartável (1901)<sup>8</sup>. As práticas de higienização e medicalização (pautadas nos avanços das ciências biológicas) foram catalizadoras de um processo de transformação dos discursos em relação ao uso da barba. Os pelos da face como agentes de status, posição social ou prática religiosa, foram substituídos por uma onda de envaidecimento do homem moderno, que passava a raspar sua barba em razão de parecer civilizado, “limpo”, deixando a barba para os excêntricos, mendigos, loucos. Subtraindo os barbados de algumas instituições públicas e impedindo-os de ocuparem determinados cargos em empresas, a biopolítica passou a determinar um novo modo de cuidar do outro. O que para os gregos fora um símbolo de sabedoria, passou a ser visto como característica do terrorista, do vagabundo, dos criminosos. Após o início do século XX, a barba só volta a tomar o seu lugar na sociedade, como forma de resistência, durante os movimentos de contracultura desencadeados nos Estados Unidos nas décadas de 60, 70 e 80, em que o movimento hippie emergiu junto às bandas de *Rock n Roll* e os movimentos em razão dos direitos humanos. A comunidade gay adotou para si os pelos no rosto como símbolo de resistência<sup>9</sup>.

A disciplinarização do corpo em razão da existência de uma biopolítica é recorrente em diversas conjunturas sociais, mesmo antes dos séculos XIX e XX (apesar de estar pautada no discurso religioso e político, ao invés do discurso científico). Como visto acima, essa disciplinarização atua de forma a construir um conjunto de regras sobre todos os aspectos da vida humana, está pautada nas relações microfísicas de poder. Foucault (1979) afirma que o biopoder atinge a população (que é, também, o instrumento para sua produção), ou seja, é na regularidade das práticas discursivas que podemos ver sua existência. Vem à luz, dessa forma, a noção de governamentalidade, como um conjunto de práticas, instituições, modos de ver e dizer que possibilitam a construção de uma biopolítica. É o espaço extrínseco, complementar de que fala Deleuze (2005a), referindo-se a um movimento diagonal, em que se encontram o discursivo e o não discursivo, possibilitando a existência dos enunciados. No oriente Médio,

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/a-curiosa-guerra-da-barba.html>>. Acesso em: 26 de julho de 2015.

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://www.gillette.com/pt/br/Entretenimiento/TimeLineApp.aspx>>. Acesso em: 28 de julho de 2015.

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://tiposdebarba.com.br/uma-breve-historia-da-barba-saiba-tudo-sobre-este-fenomeno/>>. Acesso em: 26 de julho de 2015.

por exemplo, é recorrente que, como forma de respeito, os homens toquem as barbas uns dos outros, sendo uma prática pautada numa relação de poder entre sujeitos, que é fundamentada em um saber corrente e possibilitada por um conjunto de elementos heterogêneos que se entrecruzam e dão forma a um dispositivo. Pensando nisso, como o sujeito barbado contemporâneo está inserido na sociedade pós-moderna e em que medida se diferencia do sujeito sem barba?

### **O SUJEITO DE BARBA: UM ABALO NA SOCIEDADE DE CONTROLE CONTEMPORÂNEA**

De acordo com Agambem (2009), existe uma relação intrínseca entre as substâncias que compõem os seres vivos e os dispositivos. Por meio dessa conexão, funda-se um sujeito de múltiplas subjetivações, um aglomerado de posições e funções que torna o indivíduo heterogêneo, complexo, resultado de uma rede de entrecruzamentos. Busca-se descrever, aqui, como as relações de poder entre enunciados acontecem dentro do dispositivo midiático, dando ênfase ao uso da barba como forma de resistência ao biopoder.

O sujeito ao qual se faz referência não é adâmico, não é origem ou dono do seu próprio dizer, pensa-se em um sujeito constituído, que tem, em sua subjetividade, um efeito do atravessamento de diferentes saberes inseridos em relações de poder. De acordo com Prado Filho (2006), esse indivíduo está submetido às condições de existência do discurso, é resultado de um processo de subjetivação contínuo, está inserido numa trama de relações heterogêneas, sendo objetivado pela máquina da governamentalidade. Produzem-se, assim, sujeitos que, apesar de se encontrarem em uma rede de regularidades, podem resistir. Agambem (2009) corrobora para essa afirmação na medida em que diz que os sujeitos estão presos aos dispositivos, mas são livres em sua heterogeneidade, na possibilidade do devir.

A busca pelo poder sobre o próprio corpo, por se “libertar” das regularidades da moda, da medicalização, da higienização, é assunto recorrente na contemporaneidade e está pautado na existência de formas de resistência às regras disseminadas em dados dispositivos. Porém, não há maneira de se libertar totalmente das regularidades, os sujeitos estão inseridos na trama discursiva. Mover-se contra a corrente, gera a sensação de liberdade. Essa sensação parece ser uma abertura para alcançar o status de individualidade, que é ilusório. A

possibilidade de deixar a barba crescer, em meio a uma sociedade de caras lisas, é um modo de resistir ao que está naturalizado desde o fim do século XIX. Faz-se emergir o anormal em meio à normalidade. Como diria Courtine (2013), a figura do monstro, do estranho, do agente agressor, vem à luz e traz, em si, a crise, abala estruturas, martela (como diria Nietzsche) um ídolo estabelecido pelos ditos correntes. A simplicidade do rosto abarrotado de pelos, na atualidade, faz aparecer uma conjuntura historicamente complexa.

De que maneira o rosto barbado, antes sinal de poder, honra, virilidade, força, quiçá beleza (em razão de sua função biológica), tornou-se uma monstruosidade, uma representação de sujeira, perigo (terrorismo)? Para responder a essas questões, olha-se para a noção de discurso baseada em Foucault (1995). Trata-se de um espaço extenso e diverso, constituído por uma pluralidade de enunciados que estão pautados em uma mesma formação discursiva. Possuem, porém, sua raridade (em razão de suas condições de existência) e estão dispersos nos acontecimentos. A partir destes conceitos, empreende-se um projeto de descrição de acontecimentos discursivos, fundamentado na busca por unidades que carreguem, em si, valores de verdade definidos a partir das regularidades constatadas em enunciados (que são historicamente constituídos). Foucault (1995) define o enunciado da seguinte maneira:

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície. mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 1995, p. 90)

O enunciado está pautado no já dito, não busca evidências subentendidas ou relações que não são materiais. Segundo Deleuze (2005a), o enunciado não é visível, mas não está oculto, ele é histórico, relaciona-se à regularidade, está posto. É em sua produção efetiva, como unidade do discurso, nas práticas discursivas e em seus efeitos, que se almeja compreender o modo como se dá uma formulação, uma emergência. Não se olha para o enunciado como um agente individual, mas, de acordo com Foucault (1995, p. 123), deve-se observá-lo como “[...] um elemento em um campo de coexistência”. De acordo com Orlandi (1987), o enunciado é uma rede de entrecruzamentos discursivos que coexiste ao lado de outros enunciados em dado momento histórico e deles se difere para que possa existir.

A arqueologia foucaultiana tem, como esteira, a busca por vestígios que constituem um conjunto de monumentos que possuam traços das regularidades de uma formação discursiva. Procura-se entender o motivo de algo ter sido dito em dado momento. Courtine (2013) reforça essa afirmação ao dizer que a arqueologia é um modo de reconstruir um entrelaçamento de enunciados, criar uma rede de discursos, recortar dispositivos: “Analisar os discursos em tal perspectiva é efetivamente tentar reconstruir, para além das palavras, o regime dos olhares e a economia dos gestos próprios aos dispositivos [...]”. (Courtine, 2013, p. 57).

Pensando com Courtine (2013), vemos que a história da barba é, também, uma história dos corpos e dos regimes de visibilidade nos quais está inserida, dos modos de relação que constroem diferentes verdades em diferentes épocas, sobre o belo e o feio, o normal e o anormal. O aparecimento da resistência só é possível em razão das condições de existência dos discursos:

Um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de saber-poder que inscreve no real o que não existe, submetendo-o ainda à divisão do verdadeiro e do falso. [...] uma vez constituído pelo *concatenatio causarum*, pela causalidade do devir histórico, o discurso se impõe como a *priori* histórico; [...] só serão aceitos “no jogo do verdadeiro e do falso” aqueles que falarem em conformidade com o discurso do momento; (VEYNE, 2014, p. 165).

Pelo projeto aqui empreendido, considera-se relevante discutir a noção de subjetividade no discurso. De acordo com Fernandes (2008), o sujeito discursivo se caracteriza como um ser social, apreendido em um espaço discursivo. Esse sujeito é constituído em meio a atravessamentos diversos, sendo heterogêneo, plural. É o efeito de uma exterioridade social. Em outras palavras, é fruto de um conjunto de discursos exteriores a si, que o atravessam e causam o devir contínuo. Múltiplas identidades podem ser produzidas e transformadas a todo tempo, sendo fragmentadas, diversas e não fixas.

Cada sujeito é constituído por meio das diferentes relações que, historicamente, estabelece com a sociedade. O sujeito é marcado por posições e estas se referem também às diversas posturas discursivas que o indivíduo mobiliza socialmente. Isso pode ser observado em diferentes ocorrências materiais linguístico-discursivas. Porém, é preciso enfatizar que, a formulação dos sujeitos, dos enunciados e dos discursos não se baseia em um conjunto de

relações sem sentido, soltas no ar e aglomeradas em uma massa sem coerência. Existem regras de formação que determinam a ordem do discurso. Segundo Foucault (1995), essa noção se associa a diferentes condições que possibilitam práticas, enunciados e mudanças.

Olhando para o século XX e XXI, mais especificamente os anos que sucederam a tomada de espaço das mulheres na sociedade e os protestos feministas, antirracistas e em proteção aos homossexuais, desencadeados na década de 1960, constatam-se, na dispersão dos enunciados, práticas discursivas relacionadas ao uso do corpo como forma de resistência, opondo-se ao controle sobre o outro. O feminismo, mais recentemente, tomou para si práticas baseadas na nudez, em razão de demonstrar a busca pelo controle sobre si (Figura 1). O Movimento Negro potencializou a prática de se assumir, o cabelo, a pele, o corpo, desvencilhando-se da busca por um estereótipo do colonizador (Figura 2). Os movimentos sociais em defesa da liberdade em relação à sexualidade também fazem uso do corpo para protestar, para manifestar uma demanda por liberdade (Figura 3). Enquanto os movimentos de contracultura geraram novas formas de vestir, deram visibilidade ao uso de drogas e ao sexo, negando os padrões naturalizados de medicalização dos corpos, da moda. Todas essas movimentações e práticas, adicionadas ao uso da barba em uma sociedade higienizada, promovem um abalo nas regularidades de dado momento, criam reajustes nas relações de poder e dão forma a novos regimes de visibilidade, inscrevendo-se num jogo de conexões, de mutações contínuas, de ordenação em meio ao caos<sup>10</sup>.

Figura 1: Protesto contra uma marcha anti-aborto em Madri (2013)



Disponível em: < <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/brasil/2013/12/05/uso-do-corpo-nu-em-protestos-e-uma-forma-de-comunicar-diz-especialista.htm>>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

<sup>10</sup> Disponível em: < <http://anos60.weebly.com/grupos-sociais.html>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Figura 2: Produção do projeto de filme “Kbela” de Yasmin Thayná (o projeto, de 2015, tem por objetivo levar os negros a assumirem seu corpo numa sociedade regulamentada pela imagem do branco)



Disponível em: < <http://www.geledes.org.br/yasmin-thaynakbela-o-negro-e-o-unico-individuo-no-brasil-que-precisa-se-assumir-enquanto-sua-propria-racaetnia/#gs.369f4909bbd04f59b046b21ba69ca8de>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Figura 3: Transexual (na parada gay - 2015) manifestando o desejo de cuidar de seu próprio corpo sem ser crucificada (retoma a história bíblica do sacrifício messiânico)



Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/veja-transexual-crucificada-e-outras-polemicas-com-simbolos-cristaos.html>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Os corpos parecem ser chamados, na contemporaneidade, a se assumir, a resistir ao controle pelo dispositivo midiático<sup>11</sup>, a transformar-se como cuidado de si. Dalmonte (2008) assegura que o dispositivo midiático cria um conjunto de regras para uma trama de relações, sua função é estratégica na medida em que regulamenta as conexões e possibilita jogos de poder/ saber. Esse dispositivo se torna, num mundo globalizado, preenchido pela tecnologia, um aporte para a sociedade de controle, abrangendo as propagandas televisivas, outdoors,

<sup>11</sup> O termo “midiático”, aqui utilizado, faz referência aos meios de comunicação modernos de forma geral, os veiculadores de informação, pois potencializam a disseminação dos ditos e sua repetição, o que cria uma regularidade e controle da população cada vez mais eficaz.

spams, redes sociais, etc., que estão disseminados e assumem um papel fundamental na biopolítica. É importante salientar que não há aqui maniqueísmo. Evidencia-se uma vez mais que a resistência também se faz ver em meio a esses suportes, pois está inserida no mesmo dispositivo e, como diz Albuquerque Júnior (no prelo), Foucault fala de resistência como parte da trama do poder, o lugar onde se produz a liberdade sem que se extinga a ordem, é, na verdade, uma reestruturação.

Entende-se sociedade de controle, segundo Foucault (2008), como um processo de vigilância constante dos corpos, objetivando-os, tratando-os como dados que corroboram para a prevenção de possíveis práticas que desviem das regras correntes em dado lugar historicamente situado. Funda-se, assim, com mais força na contemporaneidade, o dispositivo de segurança, suportado pelo sistema disciplinar e mecanismos jurídico-legais, como um elemento de prevenção contra o aleatório, operando a partir de probabilidades.

Tal qual o panóptico<sup>12</sup>, citado por Foucault (1987), a sociedade de controle se fundamenta na busca por assegurar que a vida do outro seja gerenciada por meio da vigilância constante. Os olhares sobre os corpos os levam a modificar-se e sucumbir às regularidades, negando o cuidado de si. O que se busca neste artigo é uma descrição dos olhares, dos modos de ver o corpo, de sua objetivação pelo dispositivo e subjetivação nas possibilidades do *devenir*.

Olhando para diferentes enunciados, é possível constatar a existência de determinadas regras que fundamentam a prática de fazer a barba. As propagandas já consagradas da marca Gillette dão forma a uma rede de enunciados possíveis em que o fato de raspar os pelos do corpo é associado à atração sexual (figura 4), à realização profissional (figura 5) e à possibilidade de se tornar um grande ídolo (figura 6).

Figura 4: Cartaz da campanha #queroerraspas da Gillette (2013)



<sup>12</sup> Modelo de prisão baseado na sensação de vigilância constante.

Disponível em: < <http://f.i.uol.com.br/folha/mercado/images/13052859.jpeg>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Figura 5: Cartaz da promoção Mach 3 aposta em você (2010)



Disponível em: < <http://www.pontoxp.com/wp-content/uploads/2010/10/PROMOCAO-GILLETTE-MACH3.jpg>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Figura 6: Gillette Mach 3 Turbo Ayrton Senna (2013)



Disponível em: < <http://www.propaganda.blog.br/wp-content/uploads/2013/12/Gillette-Mach-3-Turbo-Ayrton-Senna.png>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Evidenciam-se, nesses enunciados, os discursos do prazer (no contato entre os corpos), da felicidade (no sorriso), da realização (na nostalgia do ídolo). O sujeito busca, constantemente, nas relações de poder, a felicidade, a ascensão social, alcançar o tesão, a excitação de viver. Esses anseios são resultado de uma trama de enunciados regulares que geram um valor de verdade existencial, atuando diretamente sobre a vida, controlando-a. A repetição destes enunciados tende a reforçar essa necessidade, a demanda por ser feliz e bem sucedido passa a se associar, também, a um rosto barbeado, o que resulta em diversas práticas, como a não contratação de indivíduos barbados por parte de algumas empresas.

O sujeito da atualidade se agarra ao discurso higienizador e da medicalização, em que se sente seguro por meio da possibilidade de ser controlado por uma governamentalidade pautada na razão instrumental que, em relação à barba, afirma de forma recorrente que os pelos faciais possuem mais bactérias do que um vaso sanitário<sup>13</sup>. Dizeres, esses, que levaram a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, na década de 80, a proibir que homens de barba frequentassem seu gabinete<sup>14</sup>. A medicalização dos corpos cria sistemas de correção, formas de transformar o indivíduo, alterar o comportamento, atuar sobre a vida. Passa-se a diferenciar o que é normal do que é anormal. Trata-se como doente aquele que é estranho. A normalização de determinados comportamentos implica no estranhamento de outros. Isso é o biopoder, é o controle da vida.

Ter um rosto liso torna-se, aos poucos, uma obrigação, em razão de se adequar a determinadas regras que acabam, por meio de práticas de objetivação, gerando práticas de subjetivação. Porém, a possibilidade de deixar que os pelos cresçam, resulta numa prática de poder que contrapõe a sociedade de controle por meio do controle de si. Vê-se, assim, uma mobilização na história, uma movimentação nos sentidos, de tempos em que as barbas eram sinal de regularidade para um momento em que a barba se torna uma forma de resistência.

Figura 7: Postagem da página do Facebook “Barbudo da Depressão”



Disponível em: <https://www.facebook.com/barbudodadepressao?fref=ts>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

<sup>13</sup> Disponível em: < <http://pheeno.com.br/2015/05/cientistas-descobrem-que-barbas-possuem-mais-sujeira-que-vaso-sanitario/>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

<sup>14</sup> Disponível em:< <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/pelos-barba-bigode-debaixo-caracois-436293.shtml>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Figura 8: Postagem da página do Facebook “Barbudo da Depressão”



Disponível em: < <https://www.facebook.com/barbudodadepressao?fref=ts>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

Ganhando espaço, principalmente nas redes sociais, os sujeitos barbados começam a se mostrar e a retomar discursos que possam gerar um valor de verdade sobre a importância do uso da barba. Na figura 7, usa-se o discurso científico evolucionista (darwinismo) para justificar o uso da barba, evidenciando características do homem como animal e tratando-as como vantagens para as relações sociais. Os dizeres vêm acompanhados da imagem de um homem de aparência austera, olhar fixo, boa aparência e rosto duro, sério. Por outro lado, a figura 8, traz a retomada do discurso religioso, transportando, por meio de paráfrase, o primeiro mandamento mosaico cristão para a atualidade e atribuindo à barba um patamar espiritual, catalisado pela natureza (ao fundo da imagem) e a sensação de liberdade. Como resultado desses enunciados, recorrentes nas redes sociais, criaram-se campanhas como a “*No Shave November*”, existente desde 2003 nos Estados Unidos. A movimentação começa com a chegada do frio, em que os homens param de se barbear para manter o calor do corpo e todo o dinheiro que seria gasto com produtos para raspar a barba é revertido para fundos de pesquisa e tratamento contra o câncer<sup>15</sup>. Ou seja, percebe-se que, mesmo na resistência, há uma movimentação em favor dos corpos saudáveis pautada em saberes que estão ditos e dispersos na sociedade (‘o rosto e o pescoço são áreas do corpo muito vascularizadas. A barba protege esses vasos sanguíneos dos raios solares evitando que a temperatura do sangue que circula por eles se eleve demais’, ‘a barba cria uma sensação de superioridade e é um agente produtivo na evolução do homem’). O cuidado de si possui liames intrínsecos com o corpo e sua inscrição num espaço sócio-historicamente situado. Deixar que os pelos cresçam no rosto, em uma sociedade de caras limpas, vai contra o que é regular, implica em governar a si, sendo objetivado pelos discursos que atravessam o sujeito e subjetivado por sua vontade de poder, vontade de potência (no sentido nietzschiano).

Nos últimos anos (após 2010), parece emergir um processo de normalização dos homens de barba na sociedade. A higienização do século XX parece não ter sido o suficiente para impedir que as barbas retomassem um lugar de valor, uma função como agente de subjetivação do homem contemporâneo. Parece ser mais regular que intelectuais, religiosos,

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://barbaviking.com/no-shave-november/>>. Acesso em: 30 de julho de 2015.

atores e trabalhadores comuns usem a barba, um processo que começa a desvinculá-los da figura do mendigo, do terrorista, do homem sujo, do louco. Vemos essa prática se disseminando no dispositivo midiático, criando um novo conjunto de regras e de saberes para os jogos de poder, mas de maneira incipiente, ao que parece. Um exemplo para essa afirmação seria a propaganda da empresa de busca de hotéis “Trivago” (Figura 9), que surgiu no ano de 2011 e se mantém até o presente momento (2015).

Figura 9: Propaganda



Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XQv2zx2IeqA> >. Acesso em: 30 de julho de 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas descontinuidades da história, em diferentes espaços, em diferentes tempos, a barba tem sido resignificada. A atualidade do discurso e das práticas se fundamenta na possibilidade de existência, impressa na organização da história. As diversas formações discursivas e suas relações fazem aparecer diferentes regimes de verdade, diferentes modos de sentir o mundo. À barba já foi atribuído: poder de atração sexual, sabedoria, status social, falta de higiene, excentricidade, religiosidade, etc. Apesar da normalização incipiente, Peterkin (2002) afirma que, a imagem dos barbados ainda se associa à do terrorista, do comunista, do hippie. O seu lugar na sociedade se resignifica a todo o tempo nas relações de poder e na diversidade dos saberes. Os anúncios da Gillette, que ainda se mantêm, e as páginas da rede social “Facebook” como “Faça amor, não faça a barba”, comprovam a existência dessa trama. A emergência dos enunciados é possibilitada, atualmente, por um sincretismo entre imagem e texto, o dispositivo midiático se constrói fundamentado nesses suportes, possibilitando a inscrição da imagem do próprio corpo na materialidade do enunciado, catalisando o poder de controle do outro, na medida em que insere o sujeito imagetivamente no que é dito, na

circulação do enunciado. O dispositivo midiático objetiva o sujeito, que, ao ser atravessado pelos discursos e inserido em relações de poder, se subjetiva. O sujeito barbado parece buscar a felicidade, deixar a barba crescer se tornou, também, um sinal de estar bem consigo mesmo, uma busca pela liberdade derivada da resistência a uma sociedade de controle.

A ruptura na história da barba após a década de 1960 pode estar relacionada à potencialização dos discursos em razão dos direitos humanos, discursos feministas em prol do controle sobre o próprio corpo, discursos da liberdade. Essa possibilidade de mudar o corpo acaba afetando a conjuntura social. As barbearias, agora, parecem ser cada vez mais raras, integram-se aos salões de beleza, não são mais um espaço exclusivo de homens, em razão da possibilidade de o próprio sujeito cuidar dos pelos, a tecnologia permite que o homem se barbeie segundo sua vontade, na comodidade do lar. O corpo e a barba são formas de subjetivação do sujeito, o homem de barba vem deixando de ser “monstro” e se normaliza aos poucos na sociedade, ocupando novas funções, assumindo um novo lugar na rede de saberes e poderes que dá forma ao dispositivo midiático e à sociedade.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009. P. 21-51.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. Edifício em construção ou em ruínas: dos usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na contemporaneidade. In: SOUSA, K.M.; PAIXÃO, H.P. **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade.** (no prelo).

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica.

BURKE, P. **A Revolução francesa da historiografia: a escola dos Anales (1929 – 1989).** 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DALMONTE, E. F.. **Dispositivos midiáticos** – modos de mostrar, modos de olhar. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0324-1.pdf>>. Acesso em 10 julho de 2015.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

\_\_\_\_\_. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. **O mistério de Ariana**. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2005b. (pp. 83-96).

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: FOUCAULT, M. **Estratégia, poder-saber**. (Col. Ditos e escritos, IV). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (pp. 335-351).

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população**. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre as maneiras de escrever a história. In: FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

ORLANDI, L.B.L. Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze. In: TRONCA, I.A. (org.). **Foucault vivo**. Campinas: Pontes, 1987. (pp. 11-42).

PRADO FILHO, K. Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. In: ZANELLA, A. V. **Interações**, vol. XII, n. 22. P. 11-38. Juldez 2006, Universidade de São Marcos.

PETERKIN, A. **One Thousand Beards: a cultural history of facial hair**. New York: Arsenal Pulp Press, 2002.

SARGENTINI, V. M. O. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In: SOUSA, K. M.; PAIXÃO, H. P. **Dispositivos de poder/ saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. (no prelo).

SOUSA, K. M. Inovar em AD com Foucault: a tecnologia dos enunciados no funcionamento dos dispositivos de poder. In: SOUSA, K. M.; PAIXÃO, H. P. **Dispositivos de poder/ saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. (no prelo).

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. (pp. 13-65).